

PEDAGOGIA E LINGUAGEM: EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR A PARTIR DA FORMAÇÃO CONTINUADA NO “CHÃO DA ESCOLA”

PEDAGOGY AND LANGUAGE: INTERDISCIPLINARY EXPERIENCE FROM THE FORMATION CONTINUED IN THE “GROUND OF THE SCHOOL”

Maria Cecília Silva de Amorim¹ (SME/UFG)

Ana Caroline Martins de Sousa² (UEG)

Andréa Kochhann³ (UEG/UNB)

Resumo: O presente artigo pretende apresentar uma experiência de prática de ensino interdisciplinar, no campo da Pedagogia e da Linguagem, realizada na Escola Municipal Dilma Roriz Medeiros, por duas partícipes do GEFOPÍ – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. Fomentar a discussão sobre linguagem e letramento desenvolvendo diferentes práticas de ensino voltadas para a aquisição, aprimoramento e consolidação do processo de leitura e escrita utilizando os diferentes gêneros textuais, possibilitando aos professores formação continuada em exercício para a melhoria e desenvolvimento de novas práticas de ensino, do 1º ao 5º ano a partir da reflexão-ação sobre o fazer do pedagogo subsidiado pela didática, considerando o letramento e o uso dos gêneros textuais. A metodologia utilizada foi um minicurso com o tema “A relação da leitura com a produção textual na sala de aula”. O embasamento teórico se deu a partir de Carvalho (2005), Rossini (2003), Rabelo e Passos (2006), Vygotsky (1998), Nóvoa (1995), Soares (1998), Souza e Leal (2012) e outros. A avaliação ocorreu no momento da atividade “ateliê de textos”, que contou com dinâmicas e trabalho em grupo para produção textual. Cabe ressaltar, que a atividade realizada aconteceu no “chão da escola” com base nas necessidades da instituição e do corpo docente. A escola como espaço de práticas de ensino e formação continuada representa um grande avanço, pois viabiliza a discussão da realidade para pensar em práticas inovadoras coletivamente.

Palavras-chave: Práticas de ensino. Linguagem. Formação continuada.

Abstract: *The present article intends to present an experience of practical of education to interdisciplinar, in the field of the Pedagogia and the Language, carried through in the Municipal School Dilma Roriz Medeiros, for two participants of the GEFOPÍ - Group of Studies in Formation of Professores and Interdisciplinaridade. To foment the quarrel on different language and letramento developing practical of education directed toward the*

¹ Pedagoga – UEG, Psicopedagoga – UEG. Professora na Secretaria Municipal de Educação de Luziânia, membro do GEFOPÍ- Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. Pós-graduanda em Arte-Educação Intermediática Digital - UFG. E-mail: cissa24@gmail.com

² Acadêmica na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Luziânia - UEG. Curso de Pedagogia. Membro do GEFOPÍ. E-mail: anacarolinesousa17@gmail.com

³ Pedagoga – UEG, Mestre em Educação – PUC –GO. Docente exclusiva UEG. Doutoranda em Educação – UNB. Coordenadora do GEFOPÍ. E-mail: andreakochhann@yahoo.com.br

acquisition, improvement, and consolidation of the process of reading and writing, using the different literal sorts, making possible to the professors formation continued in exercise for the new improvement and development of practical of education, 1° to 5° year from the reflection-action on making of pedagogo subsidized by the didactics, considering the letramento and the use of the literal sorts. The used methodology was a minicourse with the subject “the relation of the reading with the literal production in classroom”. The theoretical basement if gave from Oak (2005), Rossini (2003), Rabelo and Passos (2006), Vygotsky (1998), Nóvoa (1995), To sound (1998), Souza and Leal (2012) and others. The evaluation occurred at the moment of the activity “ateliê of texts”, that it counted on dynamic and work in group for literal production. It fits to stand out, that the carried through activity on the basis of happened in the “soil of the school” the necessities of the institution and the faculty. The school as space of practical of education and continued formation represents a great advance, therefore it makes possible the quarrel of the reality to think collectively about practical innovators.

Keywords: *Teaching practices. Language. Continued formation.*

Introdução

As atividades formativas na escola estão diretamente ligadas às práticas de ensino pautadas numa visão de escola como espaço de reflexão, historicamente tratada por Freire (1996), que traz o termo “chão da escola”, no qual existem necessidades próprias da comunidade escolar e do contexto social com o qual se convive. Assim, as unidades escolares da Rede Municipal de Ensino de Luziânia-GO elegem temas para formação continuada por meio de reuniões nas escolas em busca melhorias em suas práticas de ensino de acordo com o exercício da profissão.

O minicurso realizado com o tema “A relação da leitura com a produção textual na sala de aula” fora ministrado por duas partícipes do GEFOP, no dia 09 de agosto de 2017, junto aos professores regentes das turmas de 1° ao 5° ano e Inclusão Parcial na Escola Municipal Dilma Roriz Medeiros em Luziânia - GO. Este tema foi trabalhado devido o apelo dos professores em conhecer e desenvolver novas práticas interdisciplinares de ensino no campo da linguagem escrita.

O GEFOP – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade – se efetiva por atividades de pesquisa, ensino e extensão, pela Universidade Estadual de Goiás - UEG. O grupo é registrado como projeto de extensão mas, com características de programa por conta de sua metodologia que agrega ações articuladas

AMORIM, Maria Cecília Silva de; SOUSA, Ana Caroline Martins de; KOCHHANN, Andréa. Pedagogia e linguagem: experiência interdisciplinar a partir da formação continuada no “chão da escola”

interdisciplinarmente, tais como reuniões, escrita de projetos de pesquisa e de artigos para eventos científicos, cursos, oficinas, sala de cinema, dentre outras atividades.

O GEFOPi está presente em quatro campus da UEG, a saber: São Luís de Montes Belos (onde começaram as atividades em 2006), Jussara (desde 2015), Luziânia e Formosa (desde 2017), embora tenha membros em diversos outros municípios e instituições suas atividades rompem a visão assistencialista e de prestação de serviço que caracteriza muitas ações extensionistas das universidades, primando pela extensão acadêmica processual-orgânica.

Letramento e Linguagem: abordagem interdisciplinar

Os elementos norteadores do processo de ensino da leitura e da produção de textos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental possibilitaram a implementação de eixos temáticos. A diversidade de gêneros textuais, músicas, danças, poesia, se encontram com a literatura por meio do teatro, dos contos de fadas, das tradições folclóricas vindas dos negros e da consciência da humanidade por meio de práticas sociais de letramento uma vez que cabe à escola acerca do processo de ensino da leitura e da escrita “proporcionar atividades para que os alunos ‘utilizem’ a energia sabendo que é preciso equilíbrio entre repouso e atividade. O ‘movimento’ do ambiente físico é bastante estimulante para nossas crianças e jovens.” (ROSSINI, 2003, p.27).

A leitura é uma das principais formas de aquisição de conhecimento, pois grande parte do legado cultural humano está registrado através da escrita e adquiri-lo significa empossar-se da condição humana, uma vez que a mesma é determinada pela cultura. Por meio dela, amplia-se o conhecimento do mundo, o que provoca mudança de pensamentos, valores e atitudes.

Ensinar a ler e escrever hoje já não são os maiores desafios que as escolas brasileiras tem de enfrentar, mas sim ensinar a ler com prazer, mostrar às crianças que dentro dos livros se escondem mundos a serem explorados, que as palavras podem ter magia e encantamento. Mas como fazer isso? Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). (ABRAMOVICH, 1997, p. 49)

O conceito de letramento, divulgado no Brasil por meio das pesquisas de Magda Soares e outros autores, deixou de lado o contraste entre pessoas que sabem e que não sabem ler. O letramento (CASTANHEIRA, MACIEL, MARTINS, 2009) considera graus de intimidade do indivíduo com materiais de escrita e de leitura. Para não assustar ninguém, é bom deixar claro que o letramento é algo que está em nosso dia a dia. Nada mais é do que parte de nossa necessidade diária de ação pela linguagem, especialmente lendo e escrevendo. Assim, letramento é “(...) o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita.” (SOARES, 1998, p.18).

Quando alguém sabe ler, mas não consegue compreender sequer textos curtos, essa pessoa pode ser alfabetizada, mas tem um nível de letramento muito baixo. Esse nível pode aumentar à medida em que o indivíduo aprende a lidar com diferentes materiais de leitura e de escrita.

Uso a palavra alfabetização no sentido restrito de aprendizagem inicial da leitura e escrita, isto é, a ação de ensinar (ou o resultado de aprender) o código alfabético, ou seja, as relações entre letras e sons. Existem definições mais amplas de alfabetização que incluem as habilidades de interpretação de leitura e produção de escrita, e até de conhecimento do mundo. O letramento traz consequências (políticas, econômicas, culturais etc.) para indivíduos e grupos que se apropriam da escrita, fazendo com que esta se torne parte de suas vidas como meio de expressão e comunicação. (CARVALHO, 2005, p.80)

Vale destacar a contribuição de Vygotsky (1998) para a pedagogia no campo da linguagem. A visão interdisciplinar que esse artigo aborda, parte do pressuposto que a premissa temática é a linguagem com foco no letramento por meio dos textos que circulam na sociedade. Frente à problemática da necessidade de formação continuada, a teoria apresentada por Vygotsky (1998) indica que a aquisição da linguagem escrita se dá por meio da interação social, que promove a aprendizagem da leitura e da escrita mediada pelo professor, envolvendo os mais diversos gêneros textuais propostos. A aprendizagem se torna significativa quando o professor quebra paradigmas, envolve os alunos por meio da linguagem oral, escrita e visual, proporcionando experiências além da sala de aula por meio de práticas sociais.

O rompimento da concepção de língua escrita como código para uma concepção da mesma como sistema de notação alfabética, realizado por meio de diversos estudos, entre eles, os de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1989), trouxe avanços significativos para o fazer pedagógico. Atrelada a esta compreensão, veio também a de que é por meio da interação com os usos e funções da língua escrita que a aprendizagem ocorre. (SOUZA e LEAL *in* BRASIL, 2012, p. 7)

Diante da natureza social e simbólica das atividades humanas, os processos mentais são mediados por signos e a escrita, por sua vez, surge de funções fundamentais das relações humanas e como consequência da linguagem oral que é fundamentada na cultura, numa necessidade de comunicação e tradução do pensamento através das palavras, caracterizando-se como atividade cognitiva que pode ser desenvolvida por meio de práticas de ensino interdisciplinares. Nesse sentido, Vygotsky (1998) aponta a função da linguagem como, antes de tudo social, objetivando a comunicação entre as pessoas por meio da fala, dos gestos e dos símbolos. Essa função comunicativa está estreitamente combinada com o pensamento. A comunicação é uma espécie de função básica porque permite a interação social e, ao mesmo tempo, organiza o pensamento.

Para compreender melhor o processo de aquisição da linguagem de acordo com essa teoria é necessário um embasamento maior quanto às três fases desse processo. A primeira fase, a linguagem social, que tem por função dominar e comunicar, sendo a primeira a surgir; depois vem a linguagem egocêntrica, que merece toda atenção nesse cenário, pois é a precursora do pensamento racional; e, por último vem a linguagem interior, intimamente ligada ao pensamento. (RABELLO e PASSOS, 2006). O letramento vem como complementação para a alfabetização fundamentada na linguagem social e na Língua Portuguesa, por meio dos gêneros textuais propostos pelo currículo formal, com vistas a aliar linguagem, alfabetização e letramento. Diante dessas fases, percebe-se que o indivíduo passa por um processo de transição quanto à linguagem, ou seja, da comunicação social para o pensamento.

Na experiência realizada na Escola Municipal Dilma Roriz Medeiros algumas perguntas foram direcionadas como: Você é capaz de ler bem uma tirinha? Sabe lidar com o texto do rótulo de uma lata de ervilhas? Consegue produzir um bom bilhete para um familiar? Pode se mover na cidade lendo as placas de rua? Sabe como procurar informações numa bula de remédio? Se consegue, há letramento envolvido. O caixa eletrônico do banco é mais uma

possibilidade de letramento. Já que está numa máquina, ficou sendo chamado de letramento digital. As pessoas que entraram nesse tipo de letramento podem atuar na linguagem por meio da leitura e da escrita de textos produzidos no e para o computador, estejam eles na internet ou nos programas de produção e leitura de material textual.

A escola é, em grande parte, responsável pelo aumento do letramento das pessoas. É nela que o indivíduo deixa de ler e escrever apenas os textos do dia a dia e passa a ter contato com materiais elaborados e sistematizados de maneira diferente, às vezes mais complexos e menos comuns no cotidiano. Quanto maior for o interesse por uma formação mais elevada maior será o interesse pelos diversos tipos de leituras e textos. Tudo isso faz aumentar a quantidade e a qualidade das informações na nossa memória, ou seja, nossa bagagem cultural. Isso é letramento.

A leitura é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno, principalmente após recentes pesquisas que apontam ser esta uma das principais dificuldades do estudante brasileiro “(...) só recentemente passamos a enfrentar essa nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso saber fazer uso do ler e escrever, saber responder as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.” (SOARES 1998, p. 20). A reflexão de Carvalho (2005), sugere práticas para todo o ensino básico contextualizadas com os estudos de Soares (1998), pois não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante.

Proponho fazer a criança trabalhar desde cedo com textos variados, mas familiarizar-se com a diversidade textual não é trabalho para apenas um ano letivo, é tarefa que se estende por todo o ensino básico. Tornar-se letrado, ou formar-se leitor, é aprender sobre autores, seus modos de pensar, intenções, interlocutores, ideias e valores; é aprender sobre gêneros, sobre a forma pela qual os textos se organizam, a partir do título, obedecendo a certas convenções, e desdobrando-se parágrafo por parágrafo para exprimir ideias. É principalmente aprender a dialogar com os autores, refletindo sobre o que eles nos dizem e comparando as suas com as nossas próprias ideias. (CARVALHO, 2005, p.70)

Aprender a escrever, alfabetizar-se, é mais do que aprender a grafar sons; ou mesmo, mais do que aprender a simbolizar graficamente um universo sonoro já por si mesmo simbólico. Aprender a escrever é aprender novos modos do discurso por meio dos gêneros; novos modos de se relacionar com interlocutores, muitas vezes, virtuais; novos modos de se

relacionar com temas e significados; novos motivos para comunicar em novas situações. Aprender a escrever representa construir uma nova inserção cultural. Assim, na construção da escrita, a criança tem muito mais a aprender do que as letras: uma infinidade de gêneros viabilizados pela escritura se abre à criança quando ela começa a adentrar o mundo das letras.

Nos dias de hoje, saber ler e escrever têm se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas. É preciso ir além da simples aquisição do código escrito, é preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, apropriar-se da função social dessas duas práticas; é preciso letrar-se. O conceito de letramento tem seu aflorar devido à insuficiência reconhecida do conceito de alfabetização.

O fortalecimento que a formação continuada fornece às práticas pedagógicas, mantém o professor atualizado e fomenta a importância de realizar práticas interdisciplinares que envolvam principalmente a linguagem escrita e a oralidade. A proposta da formação por meio do GEFOPi abordou esta temática e procurou incentivar novas práticas no campo da linguagem utilizando gêneros textuais.

Pensando na Sala de Aula a Partir do Contexto Interdisciplinar

Na sala de aula há diversas realidades no contexto da leitura e da escrita, alunos que estão iniciando o processo, outros em desenvolvimento e outros com este já consolidado. Cabe ao professor perceber estas realidades, pois, para o aluno que não escreve convencionalmente é preciso uma diversidade de recursos e dinâmicas de trabalho organizadas e intencionais, para que alcance os objetivos propostos e passe a ler. A linguagem é social e o letramento oferece possibilidades múltiplas para a inserção do sujeito. Portanto, a escola possui função de letrar de maneira eficiente e eficaz, demonstrando ao aluno como se dá o processo de ler e escrever para contribuir com a sociedade. As práticas de ensino interdisciplinares compõem caráter inclusivo, de domínios multidimensionais que se fundamentam numa prática docente que permite desenvolver novas percepções de mundo.

Podemos desenvolver atividades com foco mais claro no desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de textos, atividades com foco na aprendizagem do sistema de escrita e atividades em que as duas dimensões sejam contempladas, como muitas presentes em livros didáticos com textos de tradição oral, como as parlendas, trava-línguas, dentre outros. (SOUZA e LEAL *in* BRASIL, 2012, p.10)

AMORIM, Maria Cecília Silva de; SOUSA, Ana Caroline Martins de; KOCHHANN, Andréa. Pedagogia e linguagem: experiência interdisciplinar a partir da formação continuada no “chão da escola”

A prática docente, comporta situações complexas, incertas, singulares, imprevistas, que apresentam características únicas e exigem respostas únicas. (NÓVOA, 1995). A escola pública de Ensino Fundamental, caracteriza-se por possuir corpo docente formado por professores oriundos de cursos de licenciatura em Pedagogia ou uma minoria, professores com cursos superiores em áreas específicas. Cada profissional carrega consigo a bagagem teórica que foi ofertada nas diferentes instituições responsáveis pelo ensino superior. Desse modo, as necessidades do trabalho docente se apoiam na constante busca pelo aprimoramento e inovação das práticas de ensino marcadas pela interdisciplinaridade no exercício da profissão, no contexto que fundamenta a práxis que é a indissociabilidade teoria e prática.

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA, 1992, p.13)

Os elementos norteadores do processo de ensino da leitura e escrita de 1º ao 5º ano são representados por diferentes objetivos nos eixos leitura, produção de textos escritos, oralidade e análise linguística e permitem dinamizar o processo de ensino envolvendo os alunos nas práticas de letramento (ROSSINI, 2003), objetivando aprendizagem com foco na motivação e valorização das produções do alunado, bem como do professor no papel criativo, gerenciador e mediador “(...) só recentemente passamos a enfrentar essa nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso saber fazer uso do ler e escrever, saber responder as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.” (SOARES, 1998, p. 20).

A leitura é uma das principais formas de aquisição de conhecimento. Faz parte do legado cultural do homem registrado por meio da escrita, adquirir conhecimento significa empossar-se da condição humana, uma vez que a mesma é determinada pela sociedade como exercício da cidadania plena. Por isso, a formação para lidar com atividades de leitura escrita vislumbrando o letramento é condição necessária a todos os docentes.

AMORIM, Maria Cecília Silva de; SOUSA, Ana Caroline Martins de; KOCHHANN, Andréa. Pedagogia e linguagem: experiência interdisciplinar a partir da formação continuada no “chão da escola”

O rompimento da concepção de língua escrita como código para uma concepção da mesma como sistema de notação alfabética, realizado por meio de diversos estudos, entre eles, os de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1989), trouxe avanços significativos para o fazer pedagógico. Atrelada a esta compreensão, veio também a de que é por meio da interação com os usos e funções da língua escrita que a aprendizagem ocorre. (SOUZA e LEAL *in* BRASIL, 2012, p. 7)

Os processos formativos pelos quais um professor passa em sua docência irão compor sua identidade pedagógica e também auxiliarão no compromisso de educar. Desse modo, para trabalhar a leitura e a escrita, faz-se necessário buscar atualizações por meio da formação continuada em exercício para dinamizar o ensino. A língua falada e escrita possuem caráter dinâmico, cabe então ao professor envolver-se em novos conhecimentos, oficinas, elaboração de novos recursos pedagógicos que serão úteis como foi a proposta do ateliê com os alunos da Escola Municipal Dilma Roriz Medeiros, nessa oportunidade de troca de experiências sobre os gêneros textuais.

A Experiência Interdisciplinar: ateliê de textos como metodologia de ensino

A experiência de formação continuada surgiu da necessidade de discutir e melhorar as práticas de ensino nos eixos de leitura e produção textual. O minicurso aconteceu no dia 09 de agosto de 2017, no período vespertino na Escola Municipal Dilma Roriz Medeiros, com o tema “A relação da leitura com a produção textual na sala de aula” com partícipes do GEFOPÍ – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. A participação foi de nove professores do Ensino Fundamental e da equipe gestora. A atividade teve início às 13h30min com acolhida dos participantes e apresentação da pauta de trabalho e do objetivo do minicurso. Na abertura da formação, o GEFOPÍ foi apresentado com um breve histórico dos seus 11 anos de atuação na formação inicial e continuada de professores, apresentando também algumas produções acadêmicas em formato de banners produzidos para eventos a partir de experiências e trabalhos desenvolvidos no campo da pesquisa e da extensão universitária conforme a Imagem 1. Também fora assinado um termo de cessão de imagens por todos os presentes para constar no registro deste trabalho.

Inicialmente a dinâmica de trabalho foi organizada numa roda de conversa, conforme Imagem 2. O minicurso foi dividido em etapas: Elementos da teoria e produção

AMORIM, Maria Cecília Silva de; SOUSA, Ana Caroline Martins de; KOCHHANN, Andréa. Pedagogia e linguagem: experiência interdisciplinar a partir da formação continuada no “chão da escola”

intitulada “ateliê de textos”. Foram discutidos e explorados alguns slides para melhor compreensão do tema, os quais continham algumas perguntas motivadoras à discussão: “O que é ler?” e “O que é escrever?”. A participação dos professores foi importante para relacionar teoria e prática.

Imagem 1



Fonte: Facebook GEFOPi.

Imagem 2



Fonte: Facebook GEFOPi.

Foi realizada a leitura do conto “A moça tecelã de Marina Colasanti”, cujo enredo está ligado ao verbo tecer, análogo ao ato de produzir textos. Na história, a moça tecelã usava fios mágicos para tecer e conseguir realizar sonhos: ter uma casa, um marido, um palácio, até perceber que sua felicidade havia sido roubada pelo árduo trabalho. Esse texto foi tomado como elemento que contextualizou e motivou a atividade posteriormente. Sendo assim, foi possível introduzir o tema com o conceito de leitura e escrita a partir da concepção dos participantes.

Cada professor recebeu a silhueta de um pé para que escrevesse os passos da produção textual de acordo com a sua prática pedagógica, conforme mostra a Imagem 3. Num diálogo sobre o caminho montado com as palavras levantadas pelos participantes, relacionando o quanto aprendemos durante a dinâmica acerca da importância de repertório vocabular, coerência e coesão, paragrafação e outros momentos imprescindíveis para uma produção escrita sistematizada, como mostra a Imagem 4. Também fora lembrado que para motivar o aluno é necessário ser o exemplo que ele necessita para ler e escrever bem. A sistematização da discussão ocorreu após assistir ao vídeo de 12 min do CEEL – Centro de Estudos em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco sobre produção textual e funcionalidade da escrita a partir dos gêneros textuais.

Imagem 3

Fonte: Facebook GEFOPi

Imagem 4

Fonte: Facebook GEFOPi

A segunda parte do minicurso contemplou uma atividade denominada “ateliê de textos”, na qual os professores foram separados em duplas ou individualmente, com a proposta de desenvolverem produções orais e escritas de: 1- Escrita de carta enigmática; 2- Conto: Fábrica de histórias; 3- Produção a partir de imagem; 4- Transformar uma cantiga em novo gênero; 5- Reescrita de história conhecida - Moça Tecelã na era digital.

A carta enigmática foi escrita pela Professora do 4º ano juntamente com a diretora da Unidade Escolar. Usando símbolos inventados, produziram a pergunta: “Quer casar comigo”, recordando o contexto da “Moça tecelã” conforme aparece na Imagem 5. A narrativa da Fábrica de Histórias foi desenvolvida pelo professor do 5º ano, como mostra a Imagem 6, que por sua vez, elaborou um conto a partir de imagens propostas para o enredo seguindo a lógica: Quem? Onde? Quando? Trabalhando coesão e coerência, produzindo texto oral iniciado por “Era uma vez”.

A produção a partir de imagens foi realizada pela professora de Inclusão Parcial, que compôs um lindo poema sobre “a aranha e a borboleta que não poderiam se casar dada sua diferença.” O gênero cantiga, foi desenvolvido pela professora de 3º ano a partir da montagem do texto fatiado “O cravo e a Rosa”. A professora relatou que não imaginava que era tão complicado montar um texto assim, pois, muitas vezes, o professor não conhece a dificuldade da atividade e pede que o aluno a realize rapidamente. Transformou a cantiga em um anúncio que vendia a terrível sacada. O reconto da Moça Tecelã foi um desafio para a

AMORIM, Maria Cecília Silva de; SOUSA, Ana Caroline Martins de; KOCHHANN, Andréa. Pedagogia e linguagem: experiência interdisciplinar a partir da formação continuada no “chão da escola”

professora de 2º ano, que teve como proposta adequar o gênero da era medieval para a era digital. Usou de muita criatividade e argumentação.

Imagem 5



Fonte: Facebook GEFOPÍ.

Imagem 6



Fonte: Facebook GEFOPÍ.

No momento de avaliação do grupo, após as apresentações da atividade com leitura e produção de textos, ficou bem clara a importância de repertoriar o aluno e de propor na sala de aula momentos diversos de produção de texto individual, coletiva e em duplas, considerando a funcionalidade e a característica dos gêneros textuais. A proposta lançada pelo GEFOPÍ foi a realização de um ateliê de textos pelos professores em cada turma e em seguida a publicação de um jornal escolar divulgando as produções e os ateliês realizados.

Aconteceram ateliês em quatro turmas da escola: cantigas – realização de produção com mudança de contexto ou personagem, lendas folclóricas – reconto em grupo produtivo, reconto de tirinha – produção a partir de imagem e brincadeiras de todos os tempos – texto instrucional, as demais ainda estão em andamento. A Imagem 7 mostra a equipe da Escola Municipal Dilma Roriz Medeiros na finalização do minicurso.

Imagem 7



Fonte: Facebook GEFOPI.

Os professores demonstraram grande entusiasmo com a temática e avaliaram o encontro como bastante produtivo. Portanto, é necessário motivar professores e alunos para que a aprendizagem ocorra realmente com as características do dinamismo, do movimento, passo a passo, conhecendo as dificuldades do percurso. A abordagem teórica proposta neste trabalho se aproxima do método materialismo histórico-dialético, uma vez que considera as condições dos profissionais e proporciona seu aprimoramento por meio da formação continuada no “chão da escola”, pela contradição.

Inovar as práticas de ensino com simplicidade, dispondo de recursos que são o material humano e criatividade, considerando a necessidade de desenvolver-se seja profissional ou pessoalmente, no caso do professor, e no aluno, do mesmo modo, considerando a leitura e a escrita como norteadores do processo de aprendizagem de todos os demais componentes curriculares, avaliando constantemente a introdução de novas práticas de ensino como o ateliê de textos.

Considerações Finais

A escola, em grande parte, é a responsável pela alfabetização pelo processo de letramento das pessoas. É nela que o sujeito passa de ler e escrever textos do dia a dia e também a ter contato com materiais escritos elaborados e sistematizados, às vezes mais complexos e menos comuns no cotidiano. Quanto maior for o interesse por uma formação

AMORIM, Maria Cecília Silva de; SOUSA, Ana Caroline Martins de; KOCHHANN, Andréa. *Pedagogia e linguagem: experiência interdisciplinar a partir da formação continuada no “chão da escola”*

acadêmica mais elevada, maior será o interesse pelos diversos tipos de leituras e textos. Tudo isso faz aumentar a quantidade e a qualidade das informações na nossa memória, ou seja, a bagagem cultural.

A ideia de apresentar e realizar este minicurso composto de teor didático e inovar com ateliê de textos usando os gêneros na escola em parceria com o GEFOP, atingiu o objetivo proposto de desenvolver diferentes práticas de ensino voltadas para a aquisição, aprimoramento e consolidação do processo de leitura e escrita, utilizando os diferentes gêneros textuais junto aos professores da Escola Municipal Dilma Roriz Medeiros, fomentando a prática pedagógica e a ideia de que a escola representa um espaço de formação para melhoria do processo de ensino e aprendizagem, num ir e vir reflexivo, planejado, intencional, promovendo assim a diversificação dos métodos e a inovação das práticas de ensino no campo da leitura e da escrita com mais qualidade e dinamismo. O enriquecimento teórico prático se deu pela interação entre os partícipes do GEFOP e o grupo de docentes. A formação continuada num aspecto geral pode representar uma possibilidade de melhoria da qualidade da educação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia, MACIEL, Francisca Isabel Pereira, MARTINS, Raquel Márcia Fontes (orgs). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GEFOP – **Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade**. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100008339285695&sk=photos&collection_token=100008339285695%3A2305272732%3A69&set=a.1931871600434131&type=3> Facebook, 2018.
- NÓVOA, António. (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- RABELLO, Elaine e PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>>. Acesso em 04 de agosto de 2017.

AMORIM, Maria Cecília Silva de; SOUSA, Ana Caroline Martins de; KOCHHANN, Andréa. Pedagogia e linguagem: experiência interdisciplinar a partir da formação continuada no “chão da escola”

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Ivani Pedrosa de, LEAL, Telma Ferraz. Os diferentes textos a serviço da perspectiva do alfabetizar letrando. *In*: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Os diferentes textos em sala de alfabetização**. Cadernos PNAIC. Ano 01, unidade 5. Brasília: MEC, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Recebido em 30/09/2017

Aprovado em 30/01/2018